

As condições para estudar no Exterior

Gastos totais lá fora, incluindo estadia, alimentação, passagens, podem ser menores do que as despesas aqui com escola e curso de línguas

CARIN HOMONNAY PETTI

Cursar parte do colegial no Exterior pode sair mais barato que estudar em São Paulo. Doze meses fora do Brasil com direito a escola, alimentação, hospedagem em casa de família e seguro-saúde podem ficar em US\$ 800. É o que custa o programa do intercâmbio do Rotary Clube na Europa. Se o destino for Estados Unidos, a quantia sobe para US\$ 1 mil.

Em programas semelhantes oferecidos por empresas especializadas, o preço é mais salgado: cerca de R\$ 4 mil para 10 meses. Ainda assim, o intercâmbio é mais econômico que pagar muitos dos colégios particulares paulistanos. Por exemplo, um ano no colegial do Bandeirantes custa R\$ 5,4 mil. Já no Pueri Domus, as doze mensa-

lidades de 1995 consomem US\$ 4,5 mil.

O preço baixo do intercâmbio tem motivo: o aluno é matriculado em escolas públicas de segundo grau. "Manter o ensino particular com qualidade sai caro", diz o diretor do colégio Bandeirantes, Mauro de Salles Aguiar.

Também a passagem aérea, cobrada a parte, pode custar menos que despesas com instrução. O bilhete é mais barato que dois estágios do curso de inglês no Cel Lep. Cada um deles custa R\$ 960,

enquanto o ticket para Europa ou Estados Unidos sai por cerca de R\$ 1,4 mil.

Dinheiro no bolso e algum conhecimento da língua do país escolhido é o suficiente para participar da maioria dos programas disponíveis. Mas nem sempre é tão fácil carimbar o passaporte. No Rotary Clube, por

EM GERAL
DURAÇÃO DO
CURSO É DE
UM ANO

programas disponíveis. Mas nem sempre é tão fácil carimbar o passaporte. No Rotary Clube, por



Agliberto Lima/AE

Magly Simões: "A gente amadurece vivendo fora do País".

exemplo, cerca de três candidatas disputam cada uma das 80 vagas oferecidas para o intercâmbio com duração de um ano. No processo de seleção os interessados enfrentam entrevistas e, em alguns casos, provas de língua estrangeira e conhecimentos gerais.

Programas com um ano de duração são mais freqüentes. Mas também é possível passar dois, quatro ou seis meses vivendo no Exterior.

Seja qual for o prazo do curso, na volta o estudante traz mais que um novo idioma na ponta da língua. Carrega também na bagagem outra experiência de vida.

"A gente amadurece vivendo fora", conta Magly Simões, que passou seis meses como filha adotiva de uma família do Texas em 1992.

Com saudades, até hoje ela troca correspondência com os pais e as duas irmãs que ganhou nos Estados Unidos.